

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Da formação inicial à formação em serviço: reflexões sobre os saberes e os fazeres do bibliotecário.

Daniela Pereira dos Reis Almeida

Como citar: ALMEIDA, D. P. R. Da formação inicial à formação em serviço: reflexões sobre os saberes e os fazeres do bibliotecário. *In:* FUGITA, M. S. L.; GUIMARÃES, J. A. C. **Ensino e Pesquisa em Biblioteconomia no Brasil: a emergência de um novo olhar**. Marília: Ed FUNDEPE, 2008. p.45-66.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2008.978-85-98605-53-1>. p45-66.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Da formação inicial à formação em serviço: reflexões sobre os saberes e os fazeres do bibliotecário

Daniela Pereira dos Reis Almeida

A busca por transformações tem gerado grande evolução no pensamento humano, acarretando avanços significativos na qualidade de vida. Conseqüentemente, o mundo do trabalho foi aos poucos, se modificando e um novo tipo de trabalhador surgindo. Fenômenos como a globalização da economia e o uso de tecnologias de informação nas instituições exigiram dos trabalhadores melhor qualificação, pois a nova ordem no mercado de trabalho além do conhecimento é a capacidade de aprender.

À medida que o desemprego aumentou novas oportunidades surgiram e o mundo do trabalho viu-se obrigado a agir rapidamente. Goldfinger (1999, p. 34) assinala que essa nova situação é uma forma de adaptação a uma economia global, que funciona nos 7 dias da semana e 24 horas por dia, e de resposta à pressão da competitividade.

Uma vez que o conhecimento passa a ter lugar de importância no mercado de trabalho, adquirir informações e desenvolver novas habilidades tornou-se imprescindível. Só o conhecimento, no entanto, não basta. As instituições buscam no profissional um conjunto de características onde o comportamento e a capacidade de relação interpessoal esteja presente. Juntamente a essas características, aprender também está se tornando palavra de ordem nesse cenário da economia.

Todas as pessoas estão em constante processo de aprendizagem, em todos os momentos e situações da vida, desde o seu nascimento até a morte. Esse aprendizado faz com que elas avancem significativamente nos mais diferentes aspectos da vida e, dentre eles, destaca-se o trabalho.

Nesse cenário de aprendizagem, é possível pensar na formação inicial do bibliotecário que tem seu início, em nível superior, na graduação em Biblioteconomia. O Brasil possui 38 escolas¹ na área de Ciência da Informação. Todos os cursos seguem as Diretrizes Curriculares

1 Fonte: <http://www.abecin.org.br/portal/abecin/main.php?pageNum_escolas=2&totalRows_escolas=38&sl=ensbra>. Acesso em: 18 maio 2007.

(DC) do Ministério da Educação, e a partir dessas diretrizes eles acrescentam outras disciplinas que visam à complementação e ao atendimento da realidade da região na qual estão inseridos, formando a organização curricular de cada curso. Oliveira assinala que:

Entende-se por organização curricular a forma pela qual os conteúdos dos cursos se articulam. Analisam-se, os seguintes aspectos: a composição dos cursos nos diferentes ciclos para formação do profissional, a organização das disciplinas, a presença de línguas estrangeiras, o estágio, a presença de disciplinas voltadas para o incentivo à pesquisa, a presença das tecnologias aplicadas à informação e a oferta de cursos de especialização e extensão. (OLIVEIRA, 2001, p. 10).

Esses aspectos são levados em conta, de igual modo, no momento de refletir sobre a realidade do curso e a demanda profissional. A formação inicial é pensada para que os egressos do curso de Biblioteconomia tenham uma formação completa e apresentem condições de ingressar no mercado de trabalho. Por vários momentos, nos cursos de graduação em Biblioteconomia, no Brasil, as necessidades do mercado de trabalho local foram pensadas no sentido de se oferecer disciplinas específicas para atender essa demanda.

Oliveira registra essa preocupação nas universidades do Norte e Nordeste:

No Brasil, os currículos dos cursos das regiões Norte e Nordeste manifestam claramente a preocupação com a demanda regionalizada, como foi visto na declaração dos objetivos destes cursos. Assim, na região Norte, um dos cursos tem a disciplina Estudos Amazônicos, de especificidade local. Outras disciplinas, que não fazem parte das matérias do currículo mínimo, são contempladas, tais como: 'Didática em Biblioteconomia' (encontrada nos currículos dos cursos do Brasil em um único curso da região Norte), 'Antropologia' e 'Biblioteca e Sociedade'. (OLIVEIRA, 2001, p. 14).

Nesse caminho estão todos os cursos brasileiros e, em especial, o curso de Biblioteconomia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, que tem se preocupado em oferecer aos seus egressos uma formação que lhes dê condições de participarem ativamente no mercado de trabalho, a partir das ações desenvolvidas durante a graduação. Prova disso é o currículo com disciplinas que preparam o futuro bibliotecário para trabalhar em qualquer tipo de biblioteca.

Durante o período da graduação, os alunos têm a oportunidade de realizar atividades de extensão e estágios em bibliotecas da cidade e região de Marília, e conhecer as realidades profissionais e refletir sobre os rumos de seu futuro profissional.

Uma outra questão que merece ser destacada é a preocupação que o corpo docente do Departamento de Ciência da Informação (DCI) tem em mostrar ao alunado, desde o início do curso, que o horizonte do profissional de Biblioteconomia é vasto. Aos poucos, eles vão encontrando o nicho de afinidades profissionais, e, algum tempo após a formatura, dão notícias do primeiro emprego.

Um outro fator que merece destaque a respeito do currículo do curso de Biblioteconomia é a preparação do aluno para a iniciação científica, implantado a partir de 1991 o Trabalho de Conclusão de Curso tornou-se o grande foco deste curso, que se traduz no currículo atual em um eixo curricular que atravessa todos os semestres do curso, desde o primeiro ano.

Ao refletir sobre a importância de uma sólida formação para o bibliotecário com vistas à Educação Continuada, Guimarães (2000) afirma:

Nesse contexto, desnecessário é argumentar sobre o valor pedagógico das iniciações científicas, dos projetos integrados de pesquisa e dos trabalhos de conclusão de curso, pois aí está, a meu ver, uma efetiva integração entre a ação pedagógica e o conhecimento científico. [...] Em suma, a dimensão da educação continuada deve ser vista pela universidade como um espaço de diálogo com seus egressos, seja pela possibilidade de atualização dos mesmos em conteúdos específicos, seja pela motivação para que retornem à estrutura formal da universidade para estudos pós-graduados. (GUIMARÃES, 2000, p. 68).

Dessa forma, o Conselho de Curso de Biblioteconomia (CCB) e o DCI da UNESP, campus de Marília, têm reunido esforços a fim de que, com base nas DC, os egressos do curso de Biblioteconomia tenham a capacidade de desenvolver, durante a sua formação inicial, habilidades e competências para:

[...] enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que os envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta, os egressos dos referidos cursos deverão ser capazes de atuar junto a instituições e serviços que demandem intervenções de natureza e alcance variados: bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços

ou redes de informação, órgãos de gestão do patrimônio cultural etc. (BRASIL, 2003, p. 32).

Dentre as competências e habilidades dos graduados em Biblioteconomia, as Diretrizes Curriculares assinalam, especificamente:

- Gerais: gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; formular e executar políticas institucionais; elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; utilizar racionalmente os recursos disponíveis; desenvolver e utilizar novas tecnologias; traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres; responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo.
- Específicas: Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente; Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação; Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza; Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação; Realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação. (BRASIL, 2003, p. 32-33).

O curso de Biblioteconomia, a partir de ações pedagógicas e baseado nas Diretrizes Curriculares, tem passado aos egressos uma gama variada de projetos que possibilitam a inserção nas atividades acadêmicas e de pesquisa, mostrando um outro lado da atividade profissional com vistas à atuação futura no meio acadêmico.

Prova dessa efetiva e legítima preocupação são os projetos de iniciação científica existentes no curso e fomentado por agências brasileiras de apoio à pesquisa. Conforme dados levantados para Avaliação Institucional ocorrida no ano de 2005, o curso de Biblioteconomia apresentava os seguintes números:

Tabela 1: Número de bolsistas por categoria de bolsas (1999-2004)²

Tipo de Bolsa	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Bolsistas PAE	15	16	15	15	16	18
Bolsa de incentivo técnico - Monitoria	01	01	01	01	01	01
Bolsa de incentivo técnico - Informática	00	00	00	00	01	01
Bolsa de extensão	06	04	03	04	03	05
Bolsa do Núcleo de ensino	00	00	00	00	01	01
Bolsa PIBIC	06	07	08	03	06	08
Bolsa I.C. FAPESP	02	02	02	02	04	02
Bolsa IC - Projeto Integrado CNPq	04	04	04	05	05	05
Total	34	34	33	30	37	41

No ano de 2006, alunos do curso de Biblioteconomia do DCI da UNESP, campus de Marília, realizaram a prova do Exame Nacional de Desenvolvimento dos Estudantes (ENADE), cujo objetivo é avaliar o desempenho dos estudantes durante o período de formação com relação ao conteúdo programático dos cursos previstos nas DC, e as habilidades e competências para a atualização permanente. Obtiveram como resultado o conceito 5, ficando em 7º lugar entre os cursos melhor avaliados do país, e em 1º lugar entre os 35 cursos de Biblioteconomia avaliados. É importante avaliar que:

No Brasil existem poucos programas de pós-graduação stricto sensu na área de Ciência da Informação, cujo campo científico abriga a área de Biblioteconomia. Atualmente, existem 11 programas na área, e destes, apenas 6 (seis) possuem mestrado e doutorado. Observando os cursos de Biblioteconomia que pertencem a escolas que possuem programas stricto sensu, verificamos que o Curso de Biblioteconomia da UNESP/Marília está muito bem, tendo em vista que algumas escolas que possuem mestrado e doutorado não

2 Dados obtidos do Relatório para Avaliação externa do curso de Biblioteconomia da UNESP.

foram muito bem avaliadas pelo ENADE/2006. (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2007, p. 22).

A gama das disciplinas que o curso de Biblioteconomia oferece aos seus egressos visa uma formação sólida com vistas à aquisição de competências e habilidades que permita a eles a condição de atuar no mercado de trabalho de maneira competitiva.

A literatura define habilidades, como um conjunto de conhecimentos e técnicas que possibilitarão aos profissionais enfrentar uma nova situação. De acordo com Silva (1997, p. 170), o profissional precisa ter as seguintes habilidades:

- Selecionar, adquirir e intercambiar fontes de informação primárias e secundárias,
- Criar Base de Dados,
- Criar e fazer a aplicação de sistemas de documentação plurilíngüe,
- Elaborar e aplicar técnicas de busca de informação,
- Comunicar-se por meio de computadores,
- Conhecer e entender os aspectos organizacionais do estabelecimento de redes e seu uso para compartilhar informações e,
- Conhecer e aplicar técnicas gerenciais modernas.

Aliado a essas, e não menos importante, está um conjunto de características que o bibliotecário precisa ter para atuar em um ambiente de mudanças e saber como lidar com as diferenças. Ponjuan, Fera e Guimarães (1999) as identificaram como os A's do bibliotecário:

- Aptidão comunicativa
- Atitude investigativa, educativa e ética para
- Avançar até a qualidade dos serviços informativos
- Adiantar-se às inovações
- *Atualizar-se constantemente*
- Ampliar os horizontes de sua instituição
- Aprender com os usuários
- Adaptar-se ao ambiente
- Aproveitar as oportunidades em prol da sociedade
- Atrair outros profissionais à sua equipe e,
- Agregar valor à informação, demonstrando
- Amar a profissão (apud PONJUAN, 2000, p. 103, tradução e grifo nossos).

Em trabalhos que abordam a questão das habilidades que o bibliotecário deve adquirir e desenvolver ao longo de sua carreira, o tema sobre a atualização ou a formação continuada sempre está presente, trazendo à discussão que embora não seja nova a abordagem, é de fundamental importância que faça parte do objetivo de crescimento pessoal e profissional do bibliotecário, pois uma está aliada a outra e se complementam.

A questão das habilidades que o profissional precisa adquirir/manter tem caminhado junto com as competências. O que significa competência profissional em um mundo de acirrada competitividade? Alguns talvez possam pensar que ser competente é chegar todos os dias pontualmente ao local de trabalho, realizar suas atividades, não entrar em confusões ou fazer “fofoca” entre os colegas, e assim por diante. Tais ações devem ser inerentes à pessoa, independente de sua competência. Ribeiro e Motta (200?) apontam a:

[...] competência como atributo individual vinculado ao domínio de conhecimento e habilidades para a qual, sem dúvida, as ações de educação continuada podem contribuir e de forma valorosa.

Nos encontros das escolas de Biblioteconomia do Mercosul esse tema foi alvo de discussões. Valentim (2002) informa que, após um debate que procurou por uma definição própria para a área, chegaram à seguinte definição:

Por competências profissionais se entende o conjunto de habilidades, destrezas, atitudes e de conhecimentos teórico-práticos necessários para cumprir uma função especializada de um modo socialmente reconhecível e aceitável. Em suma, as competências profissionais compreendem o conjunto de habilidades, destrezas e conhecimentos que um profissional de qualquer área do conhecimento humano precisa contar, para cumprir as atividades especializadas, oferecendo o mínimo de garantia sobre os resultados de seu trabalho, tanto em relação ao seu público, quanto em relação ao seu empregador, em última instância, a sociedade da qual faz parte. (PROGRAMA..., 2000, p. 6 apud VALENTIM, 2002, 122-123).

Desse modo, as discussões giram em torno de características teóricas e práticas que o bibliotecário precisa assimilar durante a sua formação, de modo que ele seja motivado a continuar no aprimoramento das mesmas durante a trajetória profissional. Buscar constantemente a aquisição e o desenvolvimento de habilidades e competências não é sim-

plesmente participar de cursos e eventos, mas assimilar os conceitos e conteúdos oriundos dessas participações para o dia-a-dia, saber traduzir os conceitos teóricos obtidos desde a formação inicial para responder às questões que se apresentam no ambiente de trabalho com relação à manutenção do emprego. Atualmente, é comum virem à tona assuntos sobre essa questão. Independentemente de pensamentos e ideologias políticas, de classe social, de níveis de formação escolar e acadêmica, esse assunto desperta muito interesse.

O emprego é visto como um dos meios de sobrevivência do ser humano, no entanto uma reflexão sobre o que é preciso fazer para ter e manter o emprego tem sido tema dos assuntos em meios organizacionais e isso tem levado a mudanças nos diferentes níveis da organização.

É nesse ambiente de mudanças que, a partir da década de 90, o termo:

[...] empregabilidade passou a ocupar um lugar de destaque no contexto do ambiente de trabalho, desencadeado principalmente por adventos como a globalização, a abertura do mercado brasileiro às importações e as crescentes inovações tecnológicas. Esses acontecimentos fizeram com que a mão-de-obra tivesse que buscar um maior desenvolvimento para conseguir manter-se ativa no mercado profissional que passou por grandes reestruturações. (RUEDA; MARTINS; CAMPOS, 2004, p. 2).

Para acompanhar essas reestruturações, o trabalhador - que até então pensava em prestar um serviço de qualidade e manter-se leal ao seu empregador para em troca ganhar estabilidade - passou a pensar que é o maior responsável por sua carreira, e caso “perca o emprego” precisa ter meios de voltar ao mercado de trabalho em outra posição.

No meio empresarial, essa questão esteja talvez mais presente, por ser um ambiente no qual a concorrência seja mais acirrada devido às mudanças que ocorrem com mais frequência e com maior velocidade do que no meio organizacional como o das bibliotecas brasileiras.

Ao pensar nessa questão como um meio de refletir sobre a necessidade de atualização, a formação do bibliotecário se encaixa na discussão da empregabilidade, a partir do momento em que é um profissional que deve acompanhar o caminho da sociedade na qual atua, conforme assinala Guimarães (2000, p. 55):

A idéia de emprego (colocação fixa, sólida e estável) passa a dar lugar à de empregabilidade (em que se une a concepção de atividade profissional, mutante e diversificada, à de competitividade profissional, centrada no elemento humano e em seu grau de adaptabilidade a uma realidade heterogênea, complexa e em

constante transformação). Se antes a ênfase estava nos rígidos e canônicos padrões técnicos de uma sólida formação, hoje a ênfase se translada para a qualidade dos serviços e produtos profissionais, e o até então movimento associativo fiscalizador pautado pela intervenção estatal herdada do corporativismo getulista cede lugar a uma congregação profissional mais voltada para a qualidade e atualização.

Por isso, a empregabilidade vem sendo vista como uma condição de a pessoa ser empregável, ou seja, ter habilidades e competências necessárias para atuar no mercado de trabalho mais livremente e de modo completo. Para que essa completude seja alcançada, a educação e a aprendizagem adquirem importante papel no mercado de trabalho.

Em qualquer tipo de organização está presente – de modo objetivo ou subjetivo – a necessidade e a importância da aprendizagem em todas as suas formas, seja a aprendizagem individual, em grupo ou organizacional: a aprendizagem já adquirida na profissão escolhida, a aprendizagem de bons modos nos meios sociais, a aprendizagem a partir do que se percebe com relação à cultura da organização o que envolve questões subjetivas/objetivas, abstratas/concretas e fornece a questão do todo, a idéia da organização como um sistema.

Em qualquer tipo de organização, as pessoas são levadas a pensar sobre os meios e ferramentas que auxiliarão na condução dos atos profissionais. Esse tipo de decisão ou atitude auxilia na tomada de decisões e em unidades/sistemas de informação, assim como assinalam Rubi e Fujita (2006, p. 2):

[...] os sistemas de informação são compostos por partes interligadas (inserção de documento, classificação, catalogação, indexação etc.) com o objetivo comum de disponibilizar a informação da melhor maneira possível [...] e deve integrar também o planejamento global dos sistemas de informação como parâmetro de sua administração no contexto gerencial.

Desse modo, a condução da carreira profissional precisa ser pensada de modo global. Hoje ainda persiste essa preocupação em todos os cursos que formam profissionais em nível superior no Brasil. As universidades não formam mais em um único nível, atuam no campo das especializações, cursos de atualização profissional (de curta ou média duração), e é a partir desses cursos, muitas vezes, que o profissional volta para a academia e torna-se um pesquisador.

Atualmente, em discussões em sala de aula, apresentação de trabalhos em eventos científicos e profissionais, artigos e trabalhos afins em todas as áreas do conhecimento, aparecem temas da atualização e/ou capacitação dos profissionais como um meio de permanecer em um mercado de trabalho que está mais competitivo.

As bibliotecas são organizações que, de igual modo, estão no meio desse turbilhão competitivo em que a atual sociedade se encontra e necessitam de programas que atendam à demanda que ora se apresenta: uma clientela que já conhece, usa e, na maioria das vezes, domina de maneira eficiente as tecnologias disponíveis no mercado, para atender às necessidades informacionais.

No ambiente de qualificação profissional, é possível fazer um recorte mais específico e conhecer as ações da biblioteca com relação à qualificação e à atualização dos profissionais. Como as bibliotecas são organizações voltadas para a satisfação das necessidades informacionais de sua clientela, ela desenvolve ações, produtos e serviços voltados à sua clientela de tal maneira que se atinjam os objetivos e metas traçadas por um determinado período.

Por serem organizações inseridas em um meio dinâmico, as bibliotecas têm acompanhado, ao longo dos anos, as mudanças ocorridas na sociedade como um todo (cabe destacar que essas mudanças acontecem de acordo com a realidade de cada organização) e buscado uma melhoria na apresentação de seus produtos e serviços.

Nas instituições, cada trabalhador é responsável por uma ou mais atividades, e para que ele continue a realizar tais atividades, é preciso que aprenda. Senge (1998, p. 57) afirma que “a medida que o mundo torna-se mais interligado e os negócios complexos e dinâmicos, o trabalho precisa ligar-se em profundidade à aprendizagem.”

A tendência nas instituições, desde o início da década de 90, é a da aprendizagem constante. Aquelas que não atentaram para essa característica podem correr o risco de desaparecerem ou ainda de ficarem esquecidas. As instituições, no entanto, não possuem vida própria, mas são administradas e mantidas por pessoas e são elas as responsáveis por seu desenvolvimento. Com as rápidas transformações ocorridas no mundo, a satisfação e o bem-estar das pessoas, no entanto, foram sendo esquecidos dentro das organizações.

No setor informacional, por exemplo, com a automatização das unidades de informação, os bibliotecários poderiam ter pensado que suas atividades chegariam ao fim quando os computadores foram implantados. Porém, no início, os computadores somente substituíram as máquinas de escrever e ainda o fazem em algumas unidades. Em outras, por sua vez, são utilizados como ferramentas úteis e necessárias ao desenvolvimento das tarefas diárias.

Graças a participação em congressos, seminários, encontros e palestras sobre o uso de novas tecnologias em unidades de informação, os bibliotecários vão adquirindo novas habilidades que possibilitam a otimização dos serviços.

Assim, as unidades de informação passaram a oferecer produtos e serviços diferenciados aos usuários, pois o uso das novas tecnologias trouxe às unidades um usuário diferente, assim como a unidade de informação também passou a ter um conceito diferente. Ouve-se falar da “biblioteca sem paredes”, quer dizer, a unidade pode existir ou não em um dado espaço físico e seu acervo é disponibilizado para várias pessoas ao mesmo tempo.

Diante do panorama observado até aqui, pode-se imaginar que a situação do trabalho - do ponto de vista daquele antigo trabalhador o qual obtinha uma boa qualificação profissional a partir da obtenção de sua graduação - é delicada. Qualquer profissional, de qualquer área, até há pouco tempo, estava seguro com o seu diploma da faculdade.

Sabe-se que, na área das Ciências Médicas, os profissionais têm ido em busca de aperfeiçoamento, até porque os avanços conquistados na medicina só foram obtidos a partir de pesquisas e de estudos contínuos à conclusão da graduação. Com o tempo, outras áreas passaram a investir em pesquisa, atingindo avanços significativos.

No entanto, há uma possibilidade para todas as áreas: se o mundo do trabalho sofre mudanças rápidas, nada melhor do que a atualização através dos estudos. Para Elhajji (1999, p. 112), a única maneira de o profissional se manter firme nessa situação é estar capacitado profissionalmente:

[...] para poder concorrer nesse novo quadro político e econômico global (já que o mundo das comunicações ignora particularmente as fronteiras nacionais) é preciso mais do que nunca capacitar o cidadão... e o trabalhador. Doravante, a preparação das energias criativas pela educação voltada aos valores específicos, qualificação profissional e pesquisa científica torna-se uma condição de sobrevivência no novo ambiente cognitivo.

Os estudos para as pessoas que já estão empregadas e que já possuem alguma qualificação profissional são conhecidos como Educação Continuada. Outras denominações, como Formação Continuada, Desenvolvimento Profissional Contínuo e Educação Permanente, também são encontradas na literatura e todos são ministrados com o intuito de capacitarem profissionais.

Para Cunha (1984, p. 150), a “Educação Continuada pode ser definida como qualquer aprendizagem, formal ou informal, feita a partir da primeira graduação”. O

indivíduo não fica estagnado em sua profissão, busca aprimorar os conhecimentos adquiridos na graduação através da educação permanente, mantendo-se atualizado.

No entanto, Oliveira (2001, p. 116-117) vai mais além e aponta:

A Educação Continuada constitui-se em processo que se prolonga a partir das instâncias da educação formal e regular. Tomando como subsídio teórico a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, entende-se aqui a educação formal em seus dois níveis: educação básica, constituída pela educação infantil [...], ensino fundamental [...] e do ensino médio; e pela educação superior, constituída pela graduação [...] e pela pós-graduação.

Tal afirmação apresenta um esclarecimento sobre o que seja, de fato, a Educação Continuada: a participação em cursos e atividades que correspondam a qualquer tipo de atividade que não faça parte da educação formal, como: cursos de curta duração em áreas ou serviços específicos, cursos de aperfeiçoamento e de atualização, dentre outros. Entretanto, a realização de qualquer um desses cursos sem sistematização e sem um planejamento que atinja a melhoria na carreira nem sempre cumpre com a função da formação em serviço como prática de Educação Continuada.

Todo processo educativo permite ao ser humano incorporar conhecimentos, os quais serão agregados àqueles conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Pereira (1999, p. 187) afirma que a educação “é um processo de transformação sócio-cultural, por meio do qual o ser humano se desenvolve, informando-se e acompanhando as transformações da sociedade em cada contexto” e no qual o ser humano tem a oportunidade de crescer.

Ribeiro e Motta ([200?], p. 5) ao abordar a questão da importância da Educação Continuada vão mais além em seus pensamentos ao trazer à tona um ponto importante com relação a essa temática e indagam:

O conhecimento atualizado se constitui em razão suficiente para modificação dos processos de trabalho e das relações de trabalho entre os profissionais? Responder a estas questões implica, em primeiro lugar, na revisão das concepções pedagógicas predominantes que, ao entenderem a prática como mera aplicação do conhecimento, esvaziam-na de sentido e estabelecem uma relação linear e simplista entre o saber e o fazer. Em seus cursos de atualização, os profissionais são elevados ao paraíso do ‘como deveria ser’, tradução da verdade do conhecimento científico acumulado e atualizado, aplicável numa espécie de representação universal

e única [...]. Quando retornam aos serviços, entretanto, se vêem confrontados em suas realidades cotidianas com a impossibilidade da aplicação do conhecimento adquirido. Na prática, a teoria é outra. 'O curso foi ótimo, os serviços é que não oferecem condições para o nosso trabalho, são frustrantes'. Talvez seja esta a frustração latente que origine expressões do tipo 'os profissionais que sofreram treinamento este ano [...]'

Como a educação é um caminho para enfrentar a crise o educador Paulo Freire, já na década de 60 e 70 apontava para a necessidade de o homem preparar-se para o encontro entre o trabalho e o uso de tecnologias da informação. Aliado a esse pensamento é possível pensar sobre o que deve ser preparado para os profissionais com relação a programas de Educação Continuada.

Um primeiro ponto que merece destaque é que o bibliotecário precisa se tornar um profissional reflexivo. Partindo desse tema, temos uma idéia de que ser reflexivo é ter a capacidade de utilizar o pensamento como atribuidor de sentido. Vale ressaltar ainda que essa e muitas outras idéias e definições do que seja um profissional reflexivo foram baseadas e estudadas a partir dos estudos de John Dewey, que afirmava: refletir é uma forma especializada de pensar. Seja qual for a situação vivenciada no ambiente de trabalho, a reflexão deve fazer parte do cotidiano dos profissionais, a fim de melhor pensar e agir.

Contreras (2002) ao discorrer sobre as idéias de Schon com relação a reflexão na ação do profissional, assinala:

Nossa prática cotidiana está normalmente assentada em um conhecimento tácito, implícito, sobre o qual não exercemos um controle específico. Há uma série de ações que realizamos espontaneamente sem parar para pensarmos nelas antes de fazê-las. São compreensões das coisas ou competências que interiorizamos de tal forma que seria difícil descrever o conhecimento que implicitamente revelam essas ações. Muitas vezes nem sequer somos conscientes de tê-las aprendido, simplesmente nos descobrimos fazendo-as. Nesse tipo de situação, o conhecimento não se aplica à ação, mas está tacitamente personificado nela. (CONTRERAS, 2002, p. 106-107).

Esse fator da reflexão na ação profissional mostra-se importante na formação em serviço do bibliotecário porque oferecerá a ele a chance de pensar em novas possibilidades de resolver questões não habituais. Contreras aborda essa questão a partir de:

[...] características próprias na prática profissional. Uma delas é que supõe um elemento de repetição. Um profissional é um especialista que enfrenta repetidamente determinados tipos de situação ou casos que constituem o âmbito de sua especialidade. As situações com as quais se defronta são consideradas em função de sua semelhança com casos anteriores. Como produto da repetição dos casos, desenvolve um repertório de expectativas, imagens e técnicas que lhe servem de base para suas decisões. Aprende o que buscar e como responder ao que encontra. Essa experiência é a que alimenta seu conhecimento na prática. (CONTRERAS, 2002, p. 107).

Por mais esse motivo, a formação em serviço mostra-se relevante no cenário do bibliotecário porque nem sempre é possível resolver problemas através da experiência diária somente. A troca com outros colegas de profissão, a discussão e a própria reflexão sobre seu papel encontram na atualização por meio da formação em serviço uma aliada.

Em organizações sem fins lucrativos, como as bibliotecas, por exemplo, há casos de preocupação com a atualização das pessoas às quais são atribuídas as responsabilidades pelo desenvolvimento dos produtos e serviços. Belluzzo (1995) apresenta um estudo onde propõe um modelo de capacitação contínua para os recursos humanos de bibliotecas.

Uma outra experiência em relação à capacitação é o estudo desenvolvido por alunos da Liverpool John Moores University, em 1989 e relatado por Bakewell (1993), com 30 auxiliares de bibliotecas universitárias, demonstrando que todos os respondentes gostariam de ter mais oportunidade de treinamento em serviços bibliográficos, com computador, conhecer outras bibliotecas e participar de cursos externos. Os pesquisadores puderam chegar à conclusão de que os principais fatores de capacitação para os respondentes seriam uma boa comunicação e formação em serviço, o que demonstra, mais uma vez, a necessidade de capacitação das equipes bibliotecárias.

Se os estudos com técnicos e auxiliares têm mostrado que os esforços em relação à formação em serviço são de interesse dos membros de equipes em unidades de informação, a preocupação com a formação em serviço dos bibliotecários dentro de sua área de atuação, de igual modo, podem trazer benefícios e melhorias que resultarão na satisfação pessoal de cada profissional em verificar que os objetivos pessoais e da própria organização podem ser atingidos.

Estar informado sobre os recentes avanços da profissão é também recomendável. Em todas as áreas, existe uma gama de publicações cuja finalidade é manter o profissional atualizado.

No entanto, só isso não basta. Todos os conhecimentos adquiridos ao longo da vida são importantes para o desenvolvimento do profissional. Esse conjunto de conhecimentos adquiridos, sociais, educacionais e profissionais é que pode instigar o trabalhador a continuar seus estudos após a formação acadêmica.

Entre os bibliotecários, essa necessidade tem crescido ao longo dos anos e, como já assinalava Figueiredo (1993, p. 240), dois motivos os levaram a essa percepção:

- desenvolvimentos tecnológicos que podem ter influência sobre a atuação dos profissionais;
- mudanças dos contextos sócio-econômico-político-culturais onde os serviços bibliotecários são oferecidos.

A Educação Continuada é importante para que haja entrosamento maior entre os bibliotecários, envolvendo-os nos objetivos de sua instituição. Através dela, o colaborador adquire conhecimento e/ou habilidades específicas para a realização de suas tarefas diárias, visando a correção de deficiências e descobrindo novos potenciais. (BERTHOLINO; FERRO, 1999). Tanto a educação inicial quanto a formação em serviço apontam para a necessidade da atualização da equipe de profissionais de bibliotecas universitárias. (BELLUZZO, 1993; JOHNSON, 1998; BERTHOLINO; FERRO, 1999).

Afirmando ainda sobre a necessidade de formação continuada para bibliotecários, Rubi e Fujita (2006) assinalam:

Nesse sentido, tanto os cursos de graduação em Biblioteconomia quanto os cursos que visam à educação continuada do profissional indexador têm uma grande parcela de responsabilidade na formação e capacitação do indexador que necessita dos aportes teórico-metodológicos específicos sobre leitura documentária, dotados dos aspectos cognitivos e lingüísticos.

Ações como a capacitação contínua da equipe de trabalho têm se mostrado um meio eficaz para que os objetivos sejam alcançados. Nesse cenário, a Educação Continuada tem permitido que os bibliotecários sigam em busca de aprendizagem e aperfeiçoamento em suas atividades rotineiras, de maneira que não só os serviços tradicionais da biblioteca continuem a ser oferecidos com eficiência, mas que também haja o desenvolvimento de novos serviços que se antecipem às necessidades da clientela da biblioteca.

Trabalhos como os de Medeiros (2006) e de Arruda, Marteleto e Souza (2000) contribuem com esse pensamento e assinalam que o avanço ocorrido nos meios tecnológicos

com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) aceleraram as mudanças nos ambientes informacionais, uma vez que os clientes/usuários das bibliotecas tornaram-se mais independentes nas buscas por satisfazer suas necessidades de informação.

Para alguns, o bibliotecário - profissional responsável pela direção e funcionamento das bibliotecas – ainda é visto como aquela pessoa interessada somente em atividades técnicas sem se preocupar com os usuários. Com a inserção e o uso das tecnologias nas suas unidades de trabalho, é possível pensar em um outro profissional.

Moreiro Gonzáles (2005, p. 74) assinala:

[...] isto tem tido um reflexo imediato nas funções bibliotecárias. A difusão de informação e a intermediação com documentos que não fazem parte da coleção local têm transformado a biblioteca em um autêntico serviço de referência e de acesso às fontes. [...] Com isso, o bibliotecário atual se torna, progressivamente mais em um mediador entre a informação e o usuário. A figura do bibliotecário erudito e conservador está em franca regressão frente ao bibliotecário informador. (tradução nossa).

Então, é possível pensar em uma biblioteca que atenda à clientela de maneira diferenciada, pois os avanços e mudanças estão ocorrendo não só na apresentação de novos produtos e serviços, mas também nas pessoas que buscam e que oferecem esses serviços. Moreiro Gonzáles afirma ainda que “a erupção, na década de Oitenta de tecnologias de informação mais avançadas, levaram as bibliotecas a uma rápida evolução tanto no modo de atender aos usuários bem como nos serviços que presta.” (MOREIRO GONZALES, 2005, p. 76, tradução nossa).

Nesse cenário, não há como não pensar em um bibliotecário que, além de continuar a desenvolver atividades diárias, não se preocupe em acompanhar, de forma sistematizada, os avanços citados anteriormente, a partir de programas específicos em sua área de atuação. Por isso, a formação em serviço como prática da Educação Continuada tem sido vista como um dos meios para que esses profissionais estejam acompanhando as mudanças. Ao analisar a questão da Educação Continuada para o bibliotecário, é possível realizar um paralelo com a questão da empregabilidade, quando estudiosos dessa área apontam para a importância do gerenciamento da própria carreira.

Dessa forma, pode-se notar que as ações advindas tanto por parte das organizações, no papel de seus diretores, quanto dos próprios profissionais em busca de aprimoramento e formação em serviço, visam à busca de estratégias que auxiliem na melhoria da apresentação de seus produtos e serviços. Nesse sentido, a formação continuada do

bibliotecário pode trazer benefícios para a própria carreira, quanto para a unidade de informação da qual faz parte.

Um ambiente de trabalho cuja estrutura esteja voltada para a aprendizagem torna as ações para o supervisor e os supervisionados mais claras a partir do momento em que ambos conhecem o seu papel na organização. Assim, a reunião das habilidades e competências tornará possível essa realidade, uma vez que a busca por atualização profissional tramita entre as características que os trabalhos sobre as habilidades e competências assinalam.

Um exemplo que pode ser tomado como parâmetro por escolas e associações profissionais é o da formação profissional na França. “Uma lei de 1966, atualizada sucessivamente em 1971, 1978, 1984 e 1992, institucionaliza a formação profissional continuada como uma obrigação nacional” (CUNHA, 2000, p. 82). Nesse caso não só as escolas precisam passar esse conceito aos seus alunos, mas as associações de classe também são envolvidas nesse processo, como parceiras. Tais ações dão condições não só aos profissionais, mas trazem aos empregadores a oportunidade de ter em suas unidades de informação um bibliotecário em formação constante, atualizado e produtivo.

Valentim reflete sobre tema e assinala que:

[...] fornecer competências e habilidades profissionais durante a formação profissional, por meio dos conteúdos formadores, é papel da escola. Porém, manter essas competências e habilidades profissionais, após a sua saída da escola, é papel do próprio profissional. Esse entendimento é muito importante, pois, a partir disso, o profissional sempre terá uma postura investigadora e crítica, gerando uma disposição de busca incessante, que o tornará sempre competente para atuar em prol da sociedade contemporânea. (VALENTIM, 2002, p. 130).

Tal pensamento apresenta os atores dessa parceria: a escola, como responsável pela formação inicial, as associações de classe que zelam pela profissão e profissionais a partir da fiscalização do exercício profissional e assuntos de interesse relativos a imagem da profissão e o próprio profissional, o qual deve ser a parte mais interessada em buscar o aperfeiçoamento a partir da formação em serviço. Esse é o cenário que se apresenta para a atuação do bibliotecário e que precisa dar condições de atualização e meios de desenvolvimento pessoal e profissional.

A partir disso, pensar nas habilidades e competências necessárias para que o futuro profissional tenha condição de atuar com segurança em qualquer área na biblio-

Referências

- ARRUDA, M. da C. C.; MARTELETO, R. M.; SOUZA, D. B. de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 14-24, set./dez. 2000.
- BAKEWELL, K. Motivation of library staff. **Library Management**, v. 14, n. 5, p. 18-19, 1993.
- BELLUZZO, R. C. B. **Da capacitação de recursos humanos à gestão da qualidade em bibliotecas universitárias**: paradigma teórico-prático para ambiente de serviço de referência e informação. 1995. 259 f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- BELLUZZO, R. C. B.; FONTES, C. de A. O treinamento em serviço do bibliotecário de referência face às novas tecnologias como fator de qualidade: embasamento para sua compreensão. **Cadernos da F.F.C.**, Marília, v. 2, n. 2, p. 21-31, 1993.
- BERTHOLINO, M. L. F.; FERRO, J. M. Diagnóstico dos interesses de treinamento dos recursos humanos da Biblioteca Central da UEPG. In: RAMOS, M. E. M. (Org.). **Tecnologia e novas formas de gestão em bibliotecas universitárias**. Ponta Grossa: UEPG, 1999. 257 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares para os Cursos de Biblioteconomia**. 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2007.
- CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. Tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.
- CUNHA, M. B. da. O desenvolvimento profissional e a educação continuada. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 149-156, jul./dez. 1984.
- CUNHA, M. V. da. A formação dos profissionais da informação na França: comparação com o sistema brasileiro. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.) **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 71-90. (Coleção Palavra-Chave, 11).
- ELHAJJI, M. Novas estratégias organizacionais no cenário global. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 111-114, maio/ago. 1999.

- FIGUEIREDO, N. Metodologias inovadoras para a educação continuada de bibliotecários. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 97-128, jan./jun. 1993.
- GOLDFINGER, C. O futuro do trabalho. **O Correio da UNESCO**, ano 27, p. 34-36, fev. 1999.
- GUIMARÃES, J. A. C. O Profissional da informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.) **Profissionais da Informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 53-70. (Coleção Palavra-Chave, 11).
- JOHNSON, I. M. Desarrollo profesional continuo para la gestion de bibliotecas y de servicios de informacion. Traducción Guadalupe Carrión Rodriguez. **Investigacion Bibliotecologica**, v. 12, n. 25, p. 119-131, jul./dic. 1998.
- LATINOAMERICANA: Colegio Nacional de Bibliotecarios: Información Científica Internacional, 2000. 114 p.
- MEDEIROS, R. Educação continuada como parte da formação do profissional bibliotecário: uma ação estruturante. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 105-114, jan./jun. 2006.
- MOREIRO GONZÁLEZ, J. A. **Conceptos introductorios al estudio de la información documental**. Salvador: EDUFBA; Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2005. 346 p.
- NINA, R. R. V. **Profissional da Informação: o bibliotecário e suas representações das competências profissionais e pessoais para atuar em bibliotecas**. 2006. 258 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- OLIVEIRA, E. F. T. de. **A formação do bibliotecário no âmbito do MERCOSUL: a realidade e as tendências no limiar do Século XXI**. 2001. 164 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.
- PEREIRA, A. M. A educação continuada e sua importância na formação do profissional bibliotecário. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE BIBLIOTECONOMIA "Prof. Dr. Paulo Tarcísio Mayrink", 3., 1999, Marília. **Anais...** Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp, 1999. p. 185-193.
- PONJUÁN, G. Perfil del profesional de información del nuevo milênio. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.) **Profissionais da Informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. p. 91-106. (Coleção Palavra-Chave, 11).

RIBEIRO, E. C. de O.; MOTTA, J. I. J. **Educação permanente como estratégia na reorganização dos serviços de saúde**. [200?]. Disponível em: <<http://www.redeunida.org.br/arquivos/educacao.rtf>>. Acesso em: 13 jun. 2007.

RUBI, M. P.; FUJITA, M. S. L. . O ensino de procedimentos de política de indexação na perspectiva do conhecimento organizacional: uma proposta de programa para a educação à distância do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 1-16, 2006.

RUEDA, F. J. M.; MARTINS, L. J.; CAMPOS, K. C. de L. Empregabilidade: o que os alunos universitários sabem sobre isso? **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 63-73, 2004.

SENGE, P. M. **A quinta disciplina: arte e prática da organização de aprendizagem**. Tradução OP Traduções. 2. ed. São Paulo: Best Seller: Círculo do Livro, 1998. 443 p.

SILVA, E. O. El consultor como profesional de Información. **Ciencias de la Información**, La Habana, v. 28, n. 3, Sept. 1997.

SILVA, J. F. M. da. O impacto tecnológico no exercício profissional em Ciência da Informação: o bibliotecário. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 83-94. (Coleção Palavra-Chave, 14).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Faculdade de Filosofia e Ciências. Departamento de Ciência da Informação. Conselho de Curso de Biblioteconomia. **Análise dos resultados: exame nacional de desempenho de estudantes (ENADE) 2006**. Marília, 2007. 29 p.

VALENTIM, M. L. P. (Coord.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. 152 p.